

# **Abençoando pelo áudio: sensorialidades da escuta evangélica em grupos de oração no WhatsApp<sup>1</sup>**

Lorena Mochel (UFRRJ, Rio de Janeiro)

Palavras-chave: Sensorialidades; Religião; WhatsApp.

## **Introdução**

Todos os dias, mensagens de texto e de áudio, emojis, figurinhas, gifs, vídeos e fotos enviados por quem pede orações e destinados a quem precisa ser alcançado pela força de milagres divinos, são enviados em “grupos de oração” evangélicos no WhatsApp. Acompanhar este cotidiano através de uma etnografia realizada em dois destes grupos, ambos exclusivamente formados por mulheres, possibilitou compreender o lugar central do envio de orações, pregações e testemunhos em mensagem de voz como tecnologias de aperfeiçoamento da virtude religiosa.

A partir de análises resultantes minha tese de doutorado em Antropologia Social sobre as relações entre religião, gênero e tecnologias digitais, exploro neste trabalho como os áudios do “zap” tem propiciado o desenvolvimento de disposições éticas relacionadas à escuta e reconduzido experiências coletivas de “progressão moral” (Hirschkind, 2021). Ao gravar, compartilhar e ouvir o áudio para orar junto, mulheres evangélicas pentecostais têm aprimorado habilidades sensoriais envolvidas no exercício diário de suas intimidades com Deus.

Diante das “reconfigurações da privacidade” (boyd, 2014) provocadas pelos usos de smartphones e aplicativos de mensagem, reflito sobre como estes sentidos de intimidade são mobilizados por engajamentos sensoriais em que os áudios ganham relevância significativa nas práticas de evangelização online. A experiência de gravar e ouvir mensagens de voz no WhatsApp tem transformado smartphones em importantes “campos de batalha”, arena propícia para a emergência de novas maneiras de exercer a autoridade religiosa e narrar coletivamente o sofrimento.

Os elementos que analiso neste trabalho envolveram centralmente a relação dos áudios com a ritualização produzida através de diferentes materialidades religiosas que se combinam aos usos do celular, tais como óleos de unção, bíblias, sucos de uva e outros objetos utilizados para “guerrear” em oração. Meu principal objetivo com este trabalho é

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2024.

dialogar com debates sobre as mediações entre pessoas, mídias e materialidades, explorando modos pelos quais a paisagem sonora dos áudios do “zap” tem modulado performances devocionais no cotidiano evangélico e promovido, assim, reconfigurações na vida político-espiritual de mulheres pentecostais.

### **WhatsApp como campo da pesquisa**

Em mais de uma década desde seu surgimento, o WhatsApp tem estimulado importantes reflexões enquanto fenômeno comunicacional no cotidiano brasileiro. Sua presença generalizada é numericamente a mais extensiva em variados países da América Latina (Latinobarómetro, 2018) quando comparada a outras mídias sociais, indicando uma inserção que ocorre em diferentes âmbitos da vida coletiva. Combinando-se à centralidade dos *smartphones* como principal meio de acesso à internet no Brasil (Tic Domicílios, 2022), a gestão de um cotidiano com interações personalizadas, cujos objetivos são flexíveis ao espaço e tempo dos(as) usuários(as), possibilitou a emergência do aplicativo como “tecnologia da vida” (Cruz; Harindranath, 2020).

As transformações provocadas pelo acesso ao WhatsApp ocupam debates que tem se detido mais significativamente sobre o papel dos grupos no acirramento da desinformação, sobretudo no que se refere às implicações ao cenário eleitoral. De acordo com Cesarino (2020; 2022), a arquitetura digital plataformizada provocou a emergência de “públicos anti-estruturais” nos debates sobre conspiracionismos e ciências alternativas, extrapolando questões inicialmente produzidas em torno dos chamados “grupos de família” no WhatsApp. Nota-se, a partir destes argumentos, alguns dos modos como usos de grupos de WhatsApp tem criado ambientes inéditos e ainda pouco explorados em pesquisas socioantropológicas sobre mídias sociais, sobretudo no que se refere aos novos arranjos e disputas que extrapolam as políticas do voto.

O presente artigo apresenta um recorte do trabalho etnográfico que resultou em minha tese de doutorado, cujo trabalho de campo realizado em um Ministério sem vinculações institucionais e formado exclusivamente por mulheres demonstrou como o uso expressivo deste aplicativo vem possibilitando a formação situada de redes de cuidado e expandindo mobilidades transnacionais nos circuitos do pentecostalismo. A pesquisa foi realizada entre 2017 e 2022, acompanhando o trabalho itinerante de um casal de pastores pentecostais, ambos negros e na faixa etária dos quarenta anos, e seu grupo formado por cerca de cento e cinquenta mulheres com idades entre 30 e 60 anos,

frequentadoras de denominações como Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus. Além destas, havia aquelas escolheram se afastar das igrejas e mantinham o exercício cotidiano da fé através dos usos dos grupos de WhatsApp, apresentando-se nesse contexto como “desviadas” e “desigrejadas”<sup>2</sup>.

O conjunto da etnografia multissituada (Marcus, 1998) no Ministério abrangeu três âmbitos que cruzavam dinâmicas de co-presença *online* e *offline* durante a pesquisa: 1) eventos liderados pelo casal e nomeados como Chás e Conferências de Mulheres, ocorrendo em diferentes igrejas e lares pentecostais para os quais eram convidados a pregar; 2) transmissões ao vivo destes eventos em diferentes mídias sociais via Facebook do Ministério; e 3) dois dos variados “grupos de oração” gerenciados pelo casal, cujos títulos eram homônimos aos dos eventos e conhecidos como “Mulheres Virtuosas”<sup>3</sup>. A circulação pentecostal entre eventos e mídias, nesse sentido, vem conjugando repertórios contemporâneos característicos do que Sant’ana (2017) chamou de uma “imaginação evangélica”, cuja principal forma de legitimação no Brasil tem se dado através de disputas narrativas pela coesão nacional no espaço público.

A centralidade dos usos do WhatsApp, ora como via de conexão dos fluxos entre Chás e Conferências, ora como agregador de múltiplos exercícios da fé pentecostal para imigrantes brasileiras que residiam em países como Bolívia, Espanha e Itália, deslocou o lugar de análise do aplicativo enquanto *ferramenta* ou *contexto* para se configurar como *campo* da pesquisa (Lins, Parreiras & Freitas, 2020). Enquanto tecnologia digital que vem produzindo efeitos de institucionalidade para circulações evangélicas desinstitucionalizadas, analiso neste artigo como os usos destes grupos de oração no “zap”<sup>4</sup> vem forjando paisagens sonoras inovadoras para a transformação de autoridades religiosas.

## Universos sensoriais evangélicos

Eu sou canela de fogo  
Reteté de Jeová  
Estou nadando no azeite

---

<sup>2</sup> Enquanto “desviada” é um termo êmico que se refere àquelas que se afastaram da opção confessional pelas igrejas evangélicas, “desigrejada” é uma categoria com circulação religiosa mais ampla que costuma designar fiéis que podem circular entre várias igrejas, mas sem se vincular a nenhuma delas. Sua presença pode ser observada junto às(aos) visitantes, que frequentam ocasionalmente cultos e festividades nestas igrejas. A categoria “evangélicos não determinados” foi utilizada pelo último Censo (2010) para designar circulações que apresentam proximidades com trânsitos aqui indicados no pentecostalismo, o que Mafra (2013), a partir da leitura do Censo, indicou como “membros flutuantes”.

<sup>3</sup> Todos os nomes de pessoas, grupos e instituições aqui utilizados são fictícios.

<sup>4</sup> Um dos termos como o aplicativo WhatsApp é popularmente conhecido em nosso país.

Eu não consigo parar  
Tô envolvido na glória  
Tô envolvido no manto  
Estou andando em brasas eu não estou suportando  
O rolo está descendo enchendo este lugar  
Tem labaredas de fogo, em todo, em todo lugar (Flordelis – Eu sou  
canela de fogo)

Contempla esse varão, que vai até você  
Com vaso de azeite na mão, pois o azeite vai descer  
Não adianta você se esconder, aleluia  
Pois o azeite vai descer  
O azeite vai descer  
O azeite vai descer  
Não adianta você se esconder  
O azeite vai descer  
O azeite vai descer  
O azeite vai, oh glória  
(Pastor Melvim – O azeite vai descer)

Entre as classificações compartilhadas pelas interlocutoras desta pesquisa, o óleo de unção é descrito como a “representação do Espírito Santo”. “Representar”, no sentido adotado por Engelke (2012, p. 214) para o cristianismo e fundamentado numa abordagem que considera a religião vivida e experimentada enquanto prática, ganha a dimensão de tornar presente, já que os “problemas de presença são problemas de representação”. O Espírito Santo *presentificado* nos fluidos oleaginosos, nesse sentido, consolida o espaço ambíguo e emblemático de trânsito entre erótico e religioso que está nas coisas eróticas e é sentido a partir delas.

A circulação do óleo como elemento ritual nas igrejas evangélicas pôde ser tomada, nesse contexto, a partir de uma opção por não o reduzir a uma materialidade líquida que o assemelharia ao “estado de objeto”, como nos informa Tim Ingold (2012). A condição para sua eficácia é estar em ação e movimento contínuos, assumindo formas inesperadas, *improvisações* em que os pontos de fluxo não se conectam, mas se tornam indiscerníveis. É nesta perspectiva que indico as possibilidades de trânsito que as coisas assumem nesse contexto. Seus fluxos destacam os movimentos proporcionados pela capacidade de “ação da matéria” e sua potência transformadora, que dá lugar a outros sentidos possíveis para compreender os percursos dos materiais entre coisas e pessoas na vida erótica e religiosa.

As múltiplas propriedades conferidas ao azeite também são citadas por Anne Meneley (2008) para enfatizar suas qualidades como “signo” ou, como prefere chamar, seus “qualissignos”. Algumas delas, como a luminosidade e a falta de miscibilidade na

água, oferecem ao líquido efeitos visuais e capacidade de isolamento de outras substâncias, ofertando qualissignos adotados em diversas práticas devocionais: pureza, força, vitalidade e conexão com o sobrenatural. Assim, as propriedades curativas do azeite em rituais religiosos extrapolam os cristianismos e o tornam um valorizado bem de consumo. Elas adentram descobertas científicas que enfatizam curas psíquicas, especialidades na indústria do bem-estar dos óleos essenciais, usos culinários na dieta mediterrânea, entre outros benefícios que se transformam contextualmente.

Este histórico e amplitude de seus usos, por sua vez, não sugere afirmar que haveria um significado universal e imutável nos óleos, nome que a autora afirma ter sido dado genericamente para se referir a líquidos emolientes que não se misturam à água. Ao rejeitar esta qualificação como símbolo dotado de significados, análise vastamente presentes em olhares sobre a religião como crença, Meneley (2008, p. 317, tradução minha) identifica como os atributos materiais do azeite oferecem potenciais sinestésicos que “fazem coisas e exercem funções”, em vez de simplesmente transmitirem conceitos<sup>5</sup>. Em diferentes contextos religiosos, estas feitura não se completam sem qualidades relacionadas ao cheiro, ao gosto e ao tátil.

O engajamento visceral com os sentidos, além de não constituir uma noção de essência corporal, aponta para formas de regulação do poder que circula por interseccionalidades de raça, gênero e sexualidade. Isso porque, além dos elementos sinestésicos serem fundamentais para o estabelecimento de conexões espirituais, eles distanciam as práticas pentecostais do que Foucault (1999) chamou de uma disposição binária dos signos inaugurada na modernidade ocidental, aquela que separa as palavras das coisas.

A primazia do ocular é providencial nesta separação entre o que se vê de outros sentidos, criando experiências discursivas através do corpo. Nesse sentido, não busco afirmar que o pentecostalismo recupera experiências anteriores à transição moderna, mas situar o lugar da modernidade que engessa as experiências em análises binárias e, assim, propor outros modos para conhecer as relações entre pessoas e coisas no contexto evangélico-pentecostal. Ir além de uma análise representacional baseada no significado e que, invariavelmente, oponha pessoas e coisas implica em pensar sobre o que produzem as formas de engajamento sensoriais do pentecostalismo, o que Birgit Meyer (2019) chamou de “disposições corporificadas”.

---

<sup>5</sup> No original, em inglês: “The qualities of olive oil do not merely convey concepts, they do things, they carry out functions”.

Nas narrativas das interlocutoras, os usos de diversas metáforas misturavam sensorialidades distintas na composição com referências bíblicas em orações, pregações e conversas cotidianas. A captura dos pedidos feitos a Deus, por exemplo, não ocorre somente pelos ouvidos do Senhor, mas por seu olfato, como ressalta a oração em voz alta que ouvi de Marina, ao pedir que as palavras proferidas cheguem “como incenso que penetra nas narinas do Senhor”. A presença de materialidades que acompanham a realização de rituais na oração indica que estes exercícios de disciplinamento não são simplesmente alegóricos, mas vivenciados como performances éticas e sinestésicas da devoção (Hirschkind, 2021). Além disso, a relação do óleo de unção com essências aromáticas é parte de uma tradição cristã e, não à toa, compõe um universo que se ocupa em produzir sentidos para as mulheres evangélicas. Durante os eventos voltados a este público que frequentei, o modo como óleos eram dispostos por comerciantes locais se misturava a outros objetos que são alvo do consumo feminino nesse contexto, como maquiagens e bijuterias.

No cotidiano religioso fora das igrejas, as orações em voz alta<sup>6</sup> ganhavam novos sentidos ao serem acompanhadas pela materialidade do azeite, pão, suco de uva, fotografias, peças de roupa, entre outros. Junto à manipulação destas *coisas*, a busca pela eficácia produz tons específicos para a expurgação dos males, conferindo poder para chegar até quem e onde se precisa. A depender da “campanha”, a finalidade do óleo era anunciada: para o dinheiro, “unção de Jeová Jiré”; para a vida sentimental, havia a “unção do amor”. As classificações ocupavam parte significativa do *modus operandi* nas orações, na medida em que tanto o maligno como o divino recebiam descrições com grande riqueza de detalhes; para “feitiçarias” e “macumbas”, espaços e nomes de entidades eram frequentemente citados: “Exu Tiriri”, “Exu Caveira”, “Exu Veludo”, “Maria Mulambo”; bruxarias deixadas na “mata virgem”, “cemitérios”, “cruzeiro das almas” etc.

A riqueza no detalhamento destes dados visibiliza memórias do passado compartilhado por muitos desses(as) evangélicos(as) no “espiritismo”, como como nomeavam religiões de matriz africana. Assim, coisas religiosas estavam quase sempre a postos e são igualmente parte das coletividades evangélicas, nas quais aprender a orar e a diferenciar Deus dos inúmeros espíritos demoníacos equivale a também a aprender quais objetos podem estabelecer contatos apropriados com o sobrenatural.

---

<sup>6</sup> Além da presença nos cultos, minha convivência *online* com as interlocutoras permitiu que eu pudesse ouvir orações que compartilhavam coletivamente, realizadas de modo recorrente através de mensagens de áudios postados nos grupos de oração no WhatsApp que participamos.

Em sua descrição sobre a oração, Mauss (2001) lembra que este é um fenômeno em que ação e pensamento, rito e mito convergem. Para o autor, este é um movimento que caracteriza a prece como prática que deve ser analisada para além de “uma série mecânica de movimentos tradicionais” (Mauss, 2001, p. 776-777), tratando-se de um fenômeno “espiritual” que ocupa a consciência. A oração, nesse sentido, é um espaço em que se expressa a conjunção de elementos coletivos e individuais para exercer a liberdade de falar com Deus, e sua análise permite que observemos as próprias transformações religiosas institucionais.

A contribuição de Mauss permite compreender como a singularidade da riqueza temática e da descrição de cenas pelas interlocutoras converge com um repertório pentecostal coletivo. Partindo da ideia de que a experiência religiosa também é vivida fundamentalmente no corpo e através de engajamentos materiais que se dão na apreensão sensorial do mundo, o que Birgit Meyer (2019) chamou de “formas sensoriais”, a escuta da oração se transforma em um importante meio de acesso às relações estabelecidas entre pessoas e coisas. Este conceito possibilita refletir sobre estas relações como *emaranhados* que visibilizam poderes afetivos gerados por sons, imagens e textos, visibilizando conexões entre os sujeitos pela experiência estética de engajamento visceral do corpo com o mundo por meio dos sentidos. Ao mesmo tempo, também permite localizar estes engajamentos corporais e afetivos de “formações estéticas” a partir do que visualizo como arranjos políticos de gênero e sexualidade estabelecidos no pentecostalismo.

O lugar fronteiro destes agenciamentos na vida cotidiana através de coisas religiosas possibilita deslizos que, semelhante ao sentido empregado por Meyer (2019) sobre a circulação de imagens religiosas no contexto pentecostal ganense, podem provocar sentimentos ambíguos que transitam entre emoções díspares, como adoração e rejeição. Busquei compreender estes trânsitos de maneira articulada com formas de consumo e autogoverno nas periferias da cidade, dialogando com o que a autora também indicou a respeito da relação intrínseca das transformações religiosas com os meios de comunicação de massa.

### **Paisagens sonoras e o aperfeiçoamento das virtudes em “campanhas” de oração**

Minhas primeiras impressões sobre a imensa quantidade de conteúdo compartilhado nos grupos de oração “Mulheres Virtuosas” despertaram incertezas metodológicas e desconhecimentos sobre como agir em um ambiente que soava tão

familiar quanto estranho às minhas interações cotidianas. Assim como boa parte de minha geração, nascida após os anos 1980, cresci ouvindo sobre nossa intimidade com o “internetês” (Lins, 2019). Embora as relações com o WhatsApp extrapolem nichos geracionais específicos em nosso país<sup>7</sup>, estar em muitos grupos no aplicativo também fazia parte de minha rotina como usuária de mídias sociais.

No entanto, era incomum em minha trajetória como pesquisadora passar horas interagindo com conteúdos compartilhados em um grupo no WhatsApp. A imersão no cotidiano religioso em que ouvir longas mensagens de voz com pregações, orações e testemunhos, além de visualizar fotos e ver/ouvir vídeos motivacionais, ocupava a centralidade do tempo dedicado à pesquisa despertou para outras percepções em que as habilidades sensoriais relacionadas à prática da oração se fizeram fundamentais para compreender as interações no grupo.

Aprender a orar na oração conjunta implica, sobretudo, em orar ouvindo. Junto à centralidade da dimensão sonora nestas rotinas, aspecto caro às formações da presença religiosa (Hirschkind, 2006; Oosterbaan, 2009), fazer pesquisa através do WhatsApp apontou para outros modos de escutar sobre como mulheres pentecostais têm construído carreiras paralelas à institucionalidade dos templos e exercido sua fé em espaços digitais transnacionais que chamam de Ministérios, Projetos e grupos.

O contato com diferentes investigações socioantropológicas que têm se engajado em compreender como a religião é vivida através das mídias (Stolow, 2005; Meyer; Moors, 2006; Machado, C., 2013; Jungblut, 2012), as especificidades voltadas às interações religiosas em *smartphones* e aplicativos móveis (Silva, S., 2015; Fewkes, 2019), bem como os próprios sentidos pentecostais atribuídos aos grupos de WhatsApp (Faimau, 2017; Taru, 2019), trouxeram indicativos importantes para explorar mais profundamente os atravessamentos interseccionais nas dinâmicas produzidas por meio da centralidade deste aplicativo na vida contemporânea no cotidiano de usuários(as) brasileiros(as).

Fazer etnografia nos grupos de WhatsApp, nesse sentido, apresentou metodologias também direcionadas para a reorganização do que Charles Hirschkind (2021, p. 213) chamou de “uma sensibilidade metodológica específica”. Ao dar destaque

---

<sup>7</sup> Os números coletados através do Data Reportal, empresa que divulga publicamente comportamentos digitais baseados em estudos de *marketing* e tendências, têm apresentado relatórios utilizados por diversos veículos de comunicação brasileiros para apontar o crescimento do uso do WhatsApp no Brasil nos últimos anos. Sua estimativa é de que em 2022 o Brasil foi o país que contou com maior número de usuários(as) do WhatsApp no mundo (Kemp, 2022).

às experiências sensoriais de percepção do mundo, focar uma análise a partir destas sensibilidades chamou a atenção para perspectivas teórico-metodológicas que vêm enfatizando o agenciamento dos sujeitos em mediação com tecnologias e os aprimoramentos de suas performances nestas relações. Para o autor, trata-se de performances éticas que desenvolvem “capacidades corporificadas de gestos, sentimentos e fala” (Hirschkind, 2021, p. 235), as quais busquei compreender na análise destes elementos através de suas práticas de devoção nos grupos de oração.

A realização periódica de campanhas de jejum e oração era a principal ação liderada pelo casal de pastores Cristiane e Bruno nos grupos que administravam, estando sempre acompanhadas por pedidos de oração das participantes, destinados a seus(suas) amigos(as) e familiares. Os grupos também contavam com outras mulheres neste gerenciamento, interlocutoras que faziam parte da “tropa”, núcleo formado por mulheres mais próximas ao casal e com quem também tive maior contato ao longo da pesquisa. Embora compartilhassem de modo mais constante e liderassem a organização de eventos junto ao casal, as mulheres da tropa não realizavam funções comumente habilitadas para administradores(as) de grupos no WhatsApp, como banir ou adicionar participantes<sup>8</sup>.

A realização de campanhas ditava ritmos que podiam ser seguidos tanto de modo síncrono como assíncrono pelas participantes ao longo da quinzena ou do dia, trazendo estilos narrativos geralmente apresentados repetidamente a cada nova campanha. São mensagens de voz com diferentes durações, imagens do registro síncrono das campanhas, além de reações tanto às orações como aos pedidos feitos pelas integrantes que intercediam por entes queridos, com *emojis* e comentários direcionados ao fortalecimento da fé de quem realiza os pedidos. Trago abaixo alguns dos quadros fixos utilizados para analisar estes elementos, cuja apresentação segue o mesmo formato utilizado em meus registros durante o trabalho de campo, com imagens compartilhadas em momentos posteriores, muitas delas repetições em anos diferentes de uma mesma campanha:

**Quadro:** Registro de campo para uma semana em campanha de oração

Mulheres Virtuosas (“Grupo do Brasil”)	Período: 14 a 21 de junho de 2017
Campanha “dos três elementos”	

<sup>8</sup> Vale lembrar que também havia pastoras de denominações diferentes daquela seguida pelo casal nos grupos de oração no WhatsApp. No entanto, elas participavam destes grupos enquanto integrantes e não lideranças, embora em diversos momentos recebessem deferências públicas diferenciadas da pastora, que se referia a elas como “senhora” e “minha pastora”.

A abertura da campanha às 00:30 é feita com uma mensagem de voz da pastora Cristiane, cuja duração de três minutos e meio explica como realizar a campanha diariamente nos próximos sete dias. No interior de uma garrafinha com os três elementos – água, azeite e suco de uva, com o suco de uva “representando o sangue do cordeiro” –, o nome de “alguém problemático” deve ser colocado para que o “Senhor visite esta pessoa” e possa desfazer a “feitiçaria que foi lançada contra ela”. Ao longo do período da campanha, o papel se dissolveria na garrafinha, “junto com os problemas”, enquanto o balanço da garrafa viria para “estremecer a estrutura da pessoa” e, assim, “abrir seus ouvidos” para a voz de Deus.

Durante o período da campanha, a pastora compartilha a realização de orações com seu marido, o pastor Bruno. Ambos compartilham vídeos nos quais caminham segurando uma garrafa com o conteúdo dos “três elementos” por uma rua deserta de seu bairro, em diferentes horários da madrugada. Alguns destes vídeos diários, nomeados como “caminhada da fé”, trazem o pastor Bruno sozinho, noutros ele está na companhia da pastora. Ambos alternam estes chamados para orações com mensagens de texto, sempre no horário da madrugada.

As respostas chegam instantaneamente, em mensagens de texto e áudio com orações. Uma delas canta um louvor. Há também muitos *emojis* de mãos em oração e labaredas de fogo, mensagens de texto com brados de “Glória a Deus”, “Aleluia”, este muitas vezes digitado repetidamente por uma participante. Registros de realizações síncronas das campanhas em fotos se dividem com rostos de familiares por quem participantes pedem por orações. Algumas orações chegam somente ao longo do dia, pela manhã e tarde. Outras indicam “orei, mas não postei”; “já fiz minha oração, mas não vou postar”.

Fonte: Elaboração da autora, 2017.



Fonte: Figurinhas compartilhadas pelas lideranças e integrantes dos grupos. Autorias desconhecidas. Datas de coleta, da esquerda para a direita: 09/11/2021, 07/04/2020, 30/04/2020, 24/08/2019.

Com períodos que tanto variam na duração da análise como abrangem anos distintos, os quadros apresentam usos de recursos imagéticos e sonoros enquanto suportes fundamentais ao exercício das orações através do WhatsApp. Para além de um enquadramento que aponte para mudanças realizadas por integrantes dos grupos ao longo do tempo, busquei compreender como estes hábitos cotidianos de compartilhar imagens e gravar mensagens de voz durante as orações, aliados à prática do casal de pastores de realizar pregações por mensagem de voz, propiciam experiências sensoriais em que o digital possibilita engajamentos femininos em coletividades pentecostais.

Em seu trabalho sobre a escuta de sermões em fitas cassete, Charles Hirschkind (2006, 2021) explorou como muçulmanos no Egito contemporâneo desenvolvem técnicas

de autodisciplina baseadas em exercícios da escuta através de seus hábitos sensoriais. Para o autor, o treinamento de sensibilidades religiosas e suas “arquiteturas acústicas de moralidades distintas” (Hirschkind, 2006, p. 8, tradução minha) envolvem aquilo que chamou de “sensorium”, descrita enquanto capacidade visceral formada pela devoção. Esta perspectiva de uma *performance* exercida através da escuta permite explorar não somente a interdependência entre sentidos e sensorialidades, mas também, conforme Hirschkind argumenta, como o “autocultivo ético” formado nestes processos aprimora tradições relacionadas às técnicas de pregação, disposições auditivas e textuais<sup>9</sup>.

Através da imposição da voz que “perde a vergonha”, “abre a bora para orar”, como frequentemente indicam as integrantes em suas orações e a pastora em suas pregações, gravar e escutar áudios corporifica virtudes almeçadas nestas condutas. Nesse sentido, as disposições corporais coletivamente compartilhadas através da circulação de áudios nos grupos de oração recebiam frequentes estímulos das integrantes. Além de receber profecias das lideranças por “bênçãos especiais” para aquelas que enviassem suas orações neste formato, participantes se justificavam caso deixassem de mandar mensagens de voz durante as campanhas e compartilhassem, no lugar, suas respostas em outros formatos, como texto, *emojis* e figurinhas. Enquanto algumas alegavam vozes impactadas por gripes, “vergonha de falar com Deus” e outros motivos que sinalizavam para diversas questões impeditivas, o valor do áudio para outras aparecia através de solicitações das mensagens de voz com orações para que parentes enfermos pudessem acompanhar a voz de quem ora e, assim, orar junto.

Os pedidos pelos áudios não abrangiam somente orações, mas incluíam também outras práticas frequentes, como o envio de mensagens em vídeo e voz por integrantes que estariam presencialmente nos eventos do grupo. Ao longo de registros audiovisuais que fiz de momentos diversos em um dos Chás das Virtuosas, participantes que não estavam no evento pediam para que eu e outras mulheres enviássemos “mais áudios” para que elas continuassem “recebendo bênçãos” e “orando junto”. Estas diferentes situações indicam dois caminhos que me chamaram a atenção para o desenvolvimento de disposições éticas relacionadas à escuta.

---

<sup>9</sup> Hirschkind indica que a corporeidade envolvida na ética da escuta, além de se distanciar do enfoque mentalista da percepção sensorial localizada no domínio da consciência, também se distingue de uma compreensão sobre discursos que sustenta a noção de *habitus* (Bourdieu, 1996). Em vez disso, sua proposta pela análise da escuta como “técnica prática” busca compreender a formação de sensibilidades morais.

De um lado, a hierarquização de modos de participar do grupo nos momentos de oração, através da qual recursos como mensagens de texto e imagens, como ilustrações, *emojis* e figurinhas, são menos requisitados ou então classificados como inferiores. Este é um dado que faz referência a um elemento já destacado anteriormente, na medida em que as mensagens de voz (e não as de texto e outros formatos) com orações e testemunhos das participantes são os únicos conteúdos compartilhados pela pastora entre os grupos que gerencia, produzindo a sensação de multidões de mulheres em diferentes países que oram simultaneamente.

De outro lado, as pedagogias voltadas ao disciplinamento através das orações e pregações em áudios também imprimem condições sensoriais distintas às mensagens compartilhadas em outros formatos pelo WhatsApp. Hirschkind (2006, 2021) argumenta que entre seus interlocutores muçulmanos havia diferenças envolvidas entre escutar sermões e músicas por meio das fitas cassete. Enquanto a música promoveria tranquilidade e receptividades mais espontâneas para o contato com o divino, os sermões movimentariam o que o autor chamou de práticas de “progressão moral”, que envolvem, sobretudo, habilidades cuidadosas do exercício de “ouvir com o coração” (Hirschkind, 2021, p. 215). Deter a atenção sobre o que se escuta, nesse sentido, seria um diferencial no contexto abordado pelo autor para adquirir profundidade nas práticas de progressão moral.

Não notei ao longo do trabalho de campo recomendações direcionadas às práticas de escuta dos áudios. Embora o estímulo para que as participantes prestassem atenção ao que o casal de pastores publicava no grupo e “evitassem conversas paralelas” no momento da oração fosse uma das regras explicitamente publicadas pela pastora no grupo, esta não era uma recomendação restrita às mensagens de voz, mas abrangia também outros formatos de comunicação adotados pelas lideranças. Além disso, escutar áudios realizando tarefas domésticas cotidianas, a caminho do trabalho ou no momento de dormir era prática comum entre as integrantes dos grupos.

Na medida em que este momento digitalmente coletivo da oração também era vivenciado como privado, a experiência de gravar e ouvir áudios era realizada em banheiros, salas e quartos descritos como “cantinhos de guerra”, espaços estes que não contam com a presença física de outras pessoas. Na imagem abaixo, enviada por uma interlocutora que descreveu seu “quarto de oração” quando falamos dos grupos de WhatsApp em nossa entrevista, sobressaem elementos relacionados à importância de demarcar um lugar reservado no qual se possa “guerrear” em oração. Em conversas que

tive a respeito com outras interlocutoras, muitas me indicaram ter também seus “cantinhos de oração” que muitas vezes não chegavam a constituir espaços reservados, mas estavam demarcados com a presença de elementos como arca da aliança, bíblia, vidro de azeite, suco de uva, pão, entre outros.

Em uma conversa com a pastora Cristiane sobre sua prática de gravar áudios de suas pregações para serem enviados nos grupos, ela explicou que nestas mensagens ela se esforça em fazer a “humanização do personagem bíblico”. Ao se definir como uma “pastora comparativa”, Cristiane faz analogias destas ações com outras encontradas em grupos cristãos, conteúdos geralmente chamados de “devocionais”. Em suas palavras, este seria um momento voltado para a leitura bíblica, com sugestão de modos para praticar no cotidiano aquilo que se leu, “trazendo o personagem bíblico para os dias atuais”. Ao acompanhar a rotina das mulheres evangélicas, o compartilhamento de pregações e devocionais no grupo de oração traz semelhanças com aquilo que Heloisa Buarque de Almeida (2003) indicou sobre os programas de rádio acompanharem o ritmo doméstico entre as donas de casa. A linguagem simplificada adotada pela pastora, por sua vez, converge com outro atravessamento de gênero observado pela autora nesta tecnologia, o de “traduzir a linguagem da televisão” (Almeida, H., 2003, p. 21).

Ao contrário do que a análise de Hirschkind (2006, 2021) demonstra sobre o desenvolvimento de distintos cultivos éticos entre a escuta das músicas e dos sermões entre muçulmanos, os múltiplos conteúdos que podem ser exibidos em mensagens de voz durante as orações podem indicar aproximações entre *performances* que envolvem a música durante os cultos e o compartilhamento de áudios com orações e pregações entre mulheres pentecostais.

A prática comum de cantar louvores durante a gravação de áudios, igualmente frequente durante as pregações femininas nos púlpitos, promove tanto pontes como ritmos singulares entre estas práticas. A melodia nestas oratórias não se faz, no entanto, somente ao cantar músicas. O ritmo cadenciado de versos que habitualmente iniciam as orações também confere imponências similares e melodias características às súplicas pentecostais. Tanto digitadas quanto em áudio, os versos iniciais de orações compartilhadas nos grupos ditavam ênfases nos tons de voz, pausas que conferiam hiatos e outros movimentos vocálicos reproduzidos durante estes momentos:

Ó Deus poderoso de Is-ra-el / Diante da tua santa e poderosa presença,  
Pai/ Nós nos colocamos mais uma vez.

Soberano Deus e Eterno Pai / Mais uma vez nos colocamos aqui.

Senhor Meu Deus / Eterno Pai / Estamos mais uma vez em tua Presença.<sup>10</sup>

Se nas mensagens compartilhadas pelos áudios os elementos sonoros apresentam ritmos coletivamente treinados das vozes pentecostais, nas mensagens de texto os elementos visuais realçam outras sensibilidades. Modos como um texto era escrito com repetições de letras, inserção de pausas, palavras em caixa alta e *emojis* utilizados em grande quantidade expressavam variados tons de voz e sentimentos. Revelações, profecias e outros momentos em que o poder do Espírito Santo se manifestava em “oração forte”, conforme são chamadas ocasiões de maior entusiasmo e proximidade com Deus, recebiam estas distinções emocionais ao longo de textos. Em meio a outras mensagens, estas e os áudios com orações eram as mais frequentemente destacadas por outras participantes, cujas mensagens curtas (“É forte”, “Aleluia”, “Eu recebo”) eram enviadas através do recurso de resposta individual a uma mensagem<sup>11</sup> diretamente para quem orava ou ministrava a Palavra naquele momento, em demonstração de reconhecimento da autoridade divina presente nas mensagens.

Em diferentes “ministrações” em áudio e texto de pastoras e missionárias integrantes do grupo, o compartilhamento em texto era realizado em mensagens enviadas em longas sequências pela narradora. As respostas, síncronas ou assíncronas, que vinham através de outras participantes, empregavam o recurso de responder individualmente voltado tanto para os áudios como para mensagens em que a narradora expressou de modo mais enfático a manifestação divina. O uso do termo “revelar” e similares, nesse sentido, era o mais presente para demarcar estes momentos. Exemplifico como este uso se deu em uma situação rotineira do “grupo da Itália”, cujas interações apresento de modo ininterrupto a seguir:

[Pastora Cristiane, 00:15] Eitaaaaaa Glóriaaaaaa 🙌🙌🙌🙌🙌🙌 é guerraaaaaa

---

<sup>10</sup> Trechos iniciais de diferentes orações, compartilhadas em mensagens de voz por participantes dos dois grupos de WhatsApp.

<sup>11</sup> O recurso de resposta individual, apresentado em inglês como “reply” conta com o atalho que possibilita ao(à) usuário(a) selecionar a mensagem que deseja responder e deslizar levemente o dedo para a direita. Esta funcionalidade está presente tanto para conversas “no privado” como nos grupos, permitindo que conversas simultâneas possam ocorrer com retornos específicos a um assunto ou pessoa envolvida na interação.

[Pastora Cristiane, 00:15] Deus te chamou para GOVERNAR e não para ser escrava, escravo

[Pastora Cristiane, 00:15] Vamos pra cima, o diabo não vai mais te prender neste posso, nessa prisão. Vai ter viradaaaaa vc vai voltar a sonhar e realizar seus sonhos

[Pastora Cristiane, 00:15] Abre a sua boca mulher, abre a sua boca homem é guerraaaaaa o inimigo não vai suportar ele vai caiiiiiirrrr

[Pastora Cristiane, 00:15]



[Pastora Cristiane, 00:15] [envio de imagem encaminhada, ilustração do personagem bíblico José governando o Egito]

[Virtuosa X, 00:19] 🙏🙏🙏🙏🙏

[Virtuosa X, 00:20] Glórias a deus aleluia

[Pastora Cristiane, 00:24] [envio de áudio com oração]

[Virtuosa X, 00:27] 🙏🙏🙏

[Virtuosa X, 00:28] Vdd meu Deus

[Virtuosa X, 00:28] Glórias a Deus

[Pastora Cristiane, 00:32] 🥹🥹🥹🥹 o Senhor me revela que em meio a dor que uma mulher está sentindo Deus vai te honrar . Deus hj vai realizar o sonho de uma mulher mediante a sua dor. Vc foi tão humilhada que Deus te viu e sentiu a sua dor. Hoje chega ao fim essa injustiça, essa dor pq ele te liberou a bênção que vc só sonhava. Pode enxugar as lágrimas e agradecer.

[Pastora Cristiane, 00:33] [envio de gifs de chama de fogo se movimentando e alerta azul com o texto “atenção”]

[Virtuosa X, 00:48] [em resposta à mensagem anterior da pastora que foi enviada às 00:32] [envio de figurinha com criança e texto “oh glória!”]

[Virtuosa X, 00:48] Aleluia

[Virtuosa X, 00:48] Eu creio

[Virtuosa X, 00:48] E recebo

[Virtuosa Y, 01:12] [em resposta à mensagem anterior da pastora que foi enviada às 00:32] O glória a deus eu recebo 🥹🥹❤️

[Virtuosa Y, 01:13] [em resposta ao áudio da pastora] Meu Deus é forte mesmo

[Virtuosa Z, 01:23] [em resposta à mensagem anterior da pastora que foi enviada às 00:32] 🙏🙏🙏

[Virtuosa Z, 01:23] Amém 🙏🙏🙏<sup>12</sup>

Estas e outras manifestações do poder do Espírito Santo eram momentos vivenciadas com excepcionalidade pelas interlocutoras não só nos momentos de mas também no espaço digital dos grupos de WhatsApp. Para Virgínia, participante do “grupo da Itália”, as dificuldades em orar com pessoas cujo idioma é diferente do seu só são contornadas em situações nas quais precisa explicar diretamente a quem recebe a mensagem, como na manifestação de revelações. Essa afirmação surgiu em nossa entrevista quando respondeu negativamente à minha pergunta sobre a presença de

<sup>12</sup> “Grupo da Itália”, Data de coleta: 03/02/2022.

mulheres que não falavam português no grupo de oração: “você tá ali na guerra, não pode ficar traduzindo toda hora”. Na medida em que ora “do jeito que sai”, em diferentes idiomas, Virgínia indica que era somente na manifestação do dom de revelação que suas palavras seguiam de modo coerente e devidamente traduzidas para a língua da pessoa destinada a ouvir.

A orientação divina recebida por Virgínia nestas ocasiões traz referências às formas como a revelação também circula nos espaços presenciais de sociabilidade pentecostal. Seja com o dedo apontado em direção a alguém, como presenciei em cultos ministrados por diferentes pastores, ou na narração de detalhes de uma ou mais vidas envolvidas, a revelação precisa se fazer compreendida como destinada a quem se sente atingido por esta manifestação divina. Assim, para operar enquanto prática que confere autoridade religiosa a quem narra, as revelações proferidas através de Virgínia decorrem de aprendizados coletivamente treinados.

Conforme demonstrou Martijn Oosterbaan (2009), a exibição de “políticas da presença” produzidas através dos sons no pentecostalismo sugere caminhos em que as disputas através das mídias têm consolidado outras arenas de poder nos fluxos pentecostais. Considero esta perspectiva rentável para compreender políticas da presença pentecostal nos textos, na medida em que há aqui a articulação entre sensorialidades distintas. A este respeito, a pesquisa de Bruno Reinhardt (2014) apontou alguns caminhos ao analisar *performances* de pregadores pentecostais em Gana. O autor analisa como a prática de gravar em fitas é experimentada por estes interlocutores em proximidade ao método bíblico da imposição das mãos. Através deste paralelo com um modo de transmissão da autoridade religiosa, o autor buscou compreender como a transformação do sentido tátil exercido pelo toque das mãos em ações como falar e ouvir as pregações pastorais desenvolve “vozes hápticas”. As pedagogias sensoriais e suas materialidades, nesse sentido, condicionam elementos centrais a estas disputas pela transmissão da graça nos fluxos de poder do pentecostalismo (Reinhardt, 2014).

Os modos de enviar mensagens direcionadas por Deus e gerenciar conflitos que envolvem o digital e o transcendente também contavam com sugestões sobre o que deveria ser compartilhado no grupo. Durante sua pregação em um “Chá entre amigas”, a pastora Cristiane recomendou que os pedidos públicos por orações fossem utilizados com parcimônia no WhatsApp, indicando que a exposição de problemas e dificuldades afetivas e profissionais poderia acarretar conflitos interpessoais entre as mulheres:

O grupo é pra gente orar. Se você tá com algum problema rápido, joga lá no grupo que a gente vai tentar resolver, mas nesses níveis de muito particular, não precisa colocar lá. [...] Às vezes você tem um monte de colega invejosa que tá lá dentro, você vai expor a sua bênção, gente? Vai no privado, tenha sabedoria. Tem coisas que não se pode botar no grupo. Sabe o que eu acho que tem que botar mesmo lá no grupo? Quando é uma coisa assim que é um problema de terceiros, “por favor, gente, entre em oração pela minha mãe”, entendeu? Mas quando é algo muito seu, se protege do olho gordo e da inveja, porque tem crente invejoso sim, tá? Tem crente feiticeiro que faz oração contrária, sim, macumba *gospel!* Ora ao contrário! (Pregação realizada em outubro de 2019.)

Além do controle de sentimentos que devem ser mantidos “no privado”, como a inveja, a vergonha também era uma emoção que ditava maneiras como a oração e seus pedidos poderiam circular no grupo. A utilização das mensagens de texto para dar coragem a quem tem “vergonha de Deus”, como indiquei anteriormente através do exemplo de uma interlocutora nesta seção, era motor para gerar aproximações. Na mesma mensagem que compartilhou sobre a vergonha, esta participante indicou que utilizaria aquele espaço para “escrever”, pedindo em seguida por “misericórdia”. Sua mensagem curta apresenta a capacidade da escrita de transmitir a unção no pentecostalismo, religiosidade imersa em práticas de “posse da Palavra” (Mafra, 2002).

Por outro lado, a vergonha também pode ser vivenciada através de limitações impostas pela coletividade. O caso de outra interlocutora, que compartilhou um áudio com sua oração e recebeu risadas de uma participante logo após sua publicação no grupo, foi alvo de conflitos entre as mulheres. Na ocasião, a interferência de outra participante para reprovar o riso destinado ao áudio compartilhado por uma “irmã” foi recebida em concordância pelo grupo, revelando tensões em torno do riso nesse contexto. Mais do que um controle relacionado à interdição do sagrado, a situação demonstrou como o riso pode apontar para aquilo que pode escapar nos constantes improvisos que regem as *performances* oratórias no WhatsApp. Se aprender a orar implica em orar ouvindo outras pessoas, orar junto também implica em perder a timidez para treinar habilidades oratórias, característica central ao disciplinamento pentecostal. O aprendizado da oração feminina através destes grupos se coloca necessariamente no esforço em perder a timidez e a vergonha de orar, pois “ter vergonha significa se envergonhar de Deus”.

Os conflitos relacionados à exposição, riso e vergonha também atravessam o compartilhamento de imagens nos grupos de oração. Em sua etnografia sobre os sentidos compartilhados pelo “vazamento” de nudes, Lins (2019) demonstrou como a

popularização das redes sociais vem moldando vínculos sociais que reconfiguram noções de intimidade e proximidade. Para analisar a estética caseira e amadora de conteúdos femininos “vazados” na internet, a autora indica que estas transformações dialogam também com mudanças relacionadas ao digital na própria circulação da fotografia. Seu barateamento e circulação em grande quantidade ajudaram a consolidar o “ar de oficialidade” (Lins, 2019, p. 65) que rondava sentidos historicamente vinculados ao registro de imagens de si e dos outros.

Considero os registros domésticos de campanhas e as fotografias de entes queridos, em sua maioria *selfies* caracterizadas por imagens frontais de rostos ora sorridentes, ora em situações de debilitação em hospitais e situações de violência urbana, fortes propiciadoras da criação de vínculos mantenedores de participações no grupo. Diferente do que ocorre com o apelo lúdico de *gifs*, figurinhas e *emojis* coloridos, com efeitos dinâmicos que simulam movimentos, as fotos resultantes da câmera dos *smartphones* contam com grande engajamento das participantes em orações.

Este engajamento se coloca, sobretudo, entre imagens que solicitam por pedidos de oração para pessoas que não fazem parte do grupo. Acompanhadas de mensagens de texto ou de voz que justificam os pedidos pelas orações para “filhos no tráfico”, “filhas na prostituição”, amigas que estão em hospitais, casais que correm o risco de se divorciar, entre muitos outros motivos, tais fotografias viabilizam dinâmicas específicas de confiança e intimidade nos grupos de oração.

Minha escolha por apresentar imagens autorais enviadas durante campanhas de jejum e oração nos grupos teve como objetivo indicar paralelos com a similitude da espontaneidade de fotografias caseiras, resultantes de momentos coletivos de socialidade que são compartilhadas através destas imagens. Por outro lado, a ludicidade de *memes*, *gifs* e figurinhas que se relacionam aos momentos de oração promovem outra modalidade de engajamento. Embora ocupem a maior parte das telas de celulares, estas imagens não recebem retornos das participantes e são compartilhadas repetidamente e em grande quantidade. Nisto se incluem, além das ilustrações amplamente enviadas em massa por diferentes interlocutoras as próprias imagens vinculadas às campanhas de jejum e oração que as lideranças compartilhavam de acervos disponibilizados gratuitamente em buscadores na internet.

Os distintos engajamentos que atravessam as ilustrações de autores(as) desconhecidos(as) estão refletidos na importância que sua combinação com o áudio ou texto exerce para as interlocutoras. Em mensagem de texto compartilhada no “grupo do

Brasil”, uma participante pede para que alguém compartilhe com ela uma “passagem de Jonas”, referência a um personagem bíblico presente em uma “ministração” da pastora que havia circulado em dias anteriores. Mais do que simplesmente “anexos ao texto principal da etnografia”, estas imagens são “objetos de uma auto-representação” (Silva, V., 2015, p. 59) e indicam dinâmicas relacionais específicas às campanhas e pregações, estas sempre oferecidas pela pastora.

A auto-representação compartilhada nas imagens, nesse sentido, também é racializada. Se tanto nas ilustrações que convocam para campanhas, como na imagem dos perfis de todos os grupos, é predominante o tom de pele branco, os usos mais recentes de diferentes tons de pele nos emojis que evocam posições de reverência e oração (🙏) e a produção de figurinhas trocadas nos circuitos digitais evangélicos vem permitindo expressar o caráter racializado da circulação das imagens nos grupos. Assim como a escuta dos áudios, imagens autorais e emojis vêm proporcionando condições sensoriais para a emergência de projetos ético-políticos nos quais as religiosidades pentecostais estão fortemente engajadas com novas demandas de representação racial.

Na experiência corporal e subjetiva de ouvir pregações, vocalizar gravando orações e produzir conteúdos como fotos e vídeos durante os cultos e demais festividades nas igrejas, o engajamento religioso com esta mídia digital demarca um espaço devocional e ocupacional, cuja estética e circulação vem tanto propiciando a viabilidade de novas carreiras pastorais como aprimorando relações para que mulheres evangélicas se tornem virtuosas.

## Referências

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **Telenovela, consumo e gênero**: “muitas mais coisas”. Bauru, SP: Anpocs/EDUSC, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

BOYD, danah. **It’s complicated**: the social lives of networked teens. New Haven: Yale University Press, 2014.

CESARINO, Leticia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**. n. 1, v. 1, p. 91-120, fev. 2020.

CESARINO, Leticia. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. Ubu, 2022.

CRUZ, Edgar Gómez; HARINDRANATH, Ramaswami. WhatsApp as ‘technology of life’: Reframing research agendas. *First Monday*, [S. l.], v. 25, n. 12, 2020.

ENGELKE, Matthew. Material Religion. *In*: ORSI, Robert A. **The Cambridge Companion to Religious Studies**. Nova York: Cambridge University Press, 2012.

FAIMAU, Gabriel. The dynamics and digitization of religious testimonies: a case of prophetic ministries in Botswana. **Anthropology Southern Africa**, v. 40, n. 2, p. 85-95, 2017.

FEWKES, Jacqueline H. Piety in the pocket: an introduction. *In*: FEWKES, Jacqueline H. (org.). **Anthropological perspectives on the religious uses of mobile apps**. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HIRSCHKIND, Charles. **The ethical soundscape**: cassette sermons and Islamic counterpublics. Nova York: Columbia University Press, 2006.

HIRSCHKIND, Charles. Uma ética da escuta: a audição de sermões em cassete no Egito contemporâneo. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 21, n. 39, p. 211-261, 2021.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

JUNGBLUT, Airton. Transformações na comunicação religiosa. Análise dos dois modelos comunicacionais operantes no Brasil atual. **Civitas**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 453-468, set./dez. 2012.

KEMP, Simon. Digital 2022: Brazil. **DataReportal**, 9 fev. 2022. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>. Acesso em: 18 jan. 2023.

LATINOBARÓMETRO, 2018. Disponível em: [http://www.latinobarometro.org/latdocs/INFORME\\_2018\\_LATINOBAROMETRO.pdf](http://www.latinobarometro.org/latdocs/INFORME_2018_LATINOBAROMETRO.pdf). Acesso em 23 jul. 2023.

LINS, Beatriz Accioly. **Caiu na rede**: mulheres, tecnologias e direitos entre nudes e (possíveis) vazamentos. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane Tânia. Estratégias para pensar o digital. **Cadernos de Campo**, São Paulo, vol. 29, n.2, p.1-10, 2020.

MACHADO, Carly. “É muita mistura”: projetos religiosos, políticos, sociais, midiáticos, de saúde e segurança pública nas periferias do Rio de Janeiro. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 13-36, 2013.

MAFRA, Clara Jost. **Na posse da Palavra**: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

MAFRA, Clara. Números e narrativas. **Debates do Ner**, Porto Alegre, v. 2, n. 24, p. 13–25, 2013.

MARCUS, George. “Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography”. In: Marcus, George E. **Ethnography through Thick/Thin**. Princeton: Princeton University Press, 1998.

MAUSS, Marcel. **La Prière**. Tradução Luiz João Gaio e Jacob Ginzburg. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MENELEY, Anne. Oleo-signs and quali-signs: the qualities of olive oil. **Ethnos**, v. 73, n. 3, p. 303-326, set. 2008.

MEYER, Birgit. “Há um espírito naquela imagem”: imagens de Jesus produzidas em massa e outras formas de animação protestante-pentecostal em Gana. In: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, TONIOL, João Rodrigo (org.). **Como as coisas importam: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019. p. 115-158.

MEYER, Birgit; MOORS, Annelies (ed.). 2006. **Religion, media and the public sphere**. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press.

OOSTERBAAN, Martijn. Sonic supremacy: sound, space and charisma in a favela in Rio de Janeiro. **Critique of Anthropology**, v. 29, n. 1, p. 81-104, 2009.

REINHARDT, Bruno. Soaking in tapes: the haptic voice of global Pentecostal pedagogy in Ghana. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 20, n. 2, p. 315-336, 2014.

SANT’ANA, Raquel. **A Nação cujo Deus é o Senhor: a imaginação de uma coletividade “evangélica” a partir da Marcha para Jesus**. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Sandra Rubia. A religião dos celulares: consumo de tecnologia como expressão de fé entre evangélicos e umbandistas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 12, n. 35, p. 110-128, set./dez. 2015.

SILVA, Vagner Gonçalves. **O antropólogo e sua magia**. Trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. 1ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

STOLOW, Jeremy. Religion and/as Media. **Theory, Culture & Society**, v. 22, n. 4, p. 119-145, 2005.

TIC Domicílios 2022. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/>. Acesso em 24 jul. 2023.

TARU, Josiah. Mobile Apps and Religious Processes Among Pentecostal-Charismatic Christians in Zimbabwe. In: FEWKES, Jaqueline (org.). **Anthropological perspectives on the religious uses of mobile apps**. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.